

Práxis extensionista e afrofuturismo: relato de experiência do círculo de leitura na casa das artes em Londrina/PR

Extensionist practice and afrofuturism: experience report of the reading circle at casa das artes in Londrina/PR

Praxis extensionista y afrofuturismo: relato de la experiencia del círculo de lectura en la casa de las artes de Londrina/PR

Maíra Mascarenhas Torres Peixoto Cunha]

Ana Carolina de Paula Lima

Ana Beatriz Pavilhão Boscariol

Ana Carolina Ribeiro Ruzycki

Ursula Boreal Lopes Brevilheri

Fabio Lanza

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar os processos que resultaram na criação do Círculo de Leituras, elaborado na Região do Perobal, na zona sul da cidade de Londrina/Paraná, no ano de 2022, por estudantes e pesquisadores de cursos de graduação e pós graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que fazem parte do Projeto de Extensão, "Práxis Itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações em situações vulneráveis". Os dados e as experiências aqui descritas foram correlacionados com referências bibliográficas decorrentes de pesquisa sobre o tema do afrofuturismo e identidades negras. No decorrer do relato são apresentadas as dificuldades e desafios encontrados durante a pesquisa sócio-espacial assim como as aproximações para com as instituições do território a fim de compreender mais as demandas das pessoas que ali vivem. Em específico é relatado como a perspectiva afrofuturista foi utilizada através de uma obra literária para tratar temas corriqueiros entre os adolescentes que frequentaram o Círculo de Leituras.

Palavras-Chave: Círculo de Leitura; Afrofuturismo; Adolescente.

Abstract: The aim of this report is to present the processes that resulted in the creation of the Reading Circle, created in the Perobal region, in the southern part of the city of Londrina/Paraná, in 2022, by students and researchers from undergraduate and postgraduate courses at the State University of Londrina (UEL) who are part of the Extension Project, "Itinerant Praxis: new perspectives for young people and populations in vulnerable situations". The data and experiences described here were correlated with bibliographical references from research on the subject of Afrofuturism and black identities. In the course of the report, the difficulties and challenges encountered during the socio-spatial research are presented, as well as the approaches to the institutions of the territory in order to better understand the demands of the people who live there. Specifically, it describes how the Afrofuturist perspective was used through a literary work to address common themes among the adolescents who attended the Reading Circle.

Keywords: Reading Circle; Afrofuturism; Teenagers.

Resumen: El objetivo de este informe es presentar los procesos que resultaron en la creación del Círculo de Lectura en la región de Perobal, en la zona sur de la ciudad de



Londrina/Paraná, em 2022, por estudantes e investigadores de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que formam parte do Projeto de Extensão "Praxis Itinerante: novas perspectivas para jovens e populações em situação de vulnerabilidade". Os dados e experiências aqui descritos foram correlacionados com referências bibliográficas derivadas de investigações sobre o tema do afrofuturismo e as identidades negras. Ao longo do relatório, são apresentadas as dificuldades e os desafios encontrados durante a investigação socioespacial, assim como as aproximações às instituições do território para compreender melhor as demandas das pessoas que vivem ali. Concretamente, descreve-se como se utilizou a perspectiva afrofuturista através de uma obra literária para abordar temas comuns entre os adolescentes que assistiram ao Círculo de Leitura.

Palavras chave: Círculo de Leitura; Afrofuturismo; Adolescentes.

Introdução

Tomando como base o modelo estruturado na tríade ensino-pesquisa-extensão (BRASIL, 1988, Art. 207), a Universidade Pública não apenas busca estabelecer uma conexão coesa com as comunidades em seu entorno, seja no âmbito local, regional ou nacional. Pelo contrário, o próprio conceito de extensão impulsiona a ação universitária para uma esfera mais ampla, promovendo um diálogo ativo com a sociedade, estendendo seus braços para além do ambiente acadêmico. Neste ponto de ruptura com as estruturas internas, rompe-se também com a endogenia, desafiando o saber produzido pela academia e testando sua capacidade de diálogo com a realidade prática.

Conforme destacado por Ramos e Fietz (2018), a atividade extensionista funciona como um elo com a sociedade, permitindo que todas as partes envolvidas ensinem, aprendam e se (re)construam. Nesta mesma direção, Scheidemantel, Klein e Teixeira enfatizam que a extensão universitária é uma via de mão-dupla, onde a universidade compartilha conhecimentos e/ou assistência para a comunidade, ao mesmo tempo que aprende com os seus saberes (2005, p. 2).

Neste estudo, buscamos relatar e refletir sobre as atividades desenvolvidas por um dos múltiplos núcleos do projeto de extensão "Praxis Itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações em situações vulneráveis", tomando o relato do Círculo de Leitura realizado na Casa das Artes, na região do Jardim Perobal, em Londrina/PR, ano de 2022.

Ao longo da discussão, apresenta-se a perspectiva do Afrofuturismo a partir de "O Caçador Cibernético da Rua 13", livro utilizado durante a



experiência do Círculo de Leitura. As atividades foram desenvolvidas por discentes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, com a supervisão de professores do quadro permanente da Universidade.

Aproximações com o Campo

Em um primeiro momento, durante o planejamento da equipe do Projeto de Extensão “Práxis Itinerante”, entre janeiro e fevereiro de 2022, fomos contactados pela Associação Londrinense de Circo (ACL) para realizar um projeto em conjunto, que teria como objetivo construir um cursinho popular na Casa das Artes, situado na região do Perobal - em Londrina/PR -, que estava/está sob coordenação da mesma. Naquele momento, a ACL possuía contrato com o município que possibilitava a realização do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

Para que fosse possível a realização do cursinho previamente mencionado se fez necessário a realização de uma pesquisa sócio-geográfica, com objetivo de compreender tanto a geografia do território, onde estariam posicionados elementos chave - religiosos, de ensino e socialização - quanto as pessoas que ali viviam, suas dinâmicas como comunidade, se são religiosos, quais religiões se veem presentes nesse ambiente, como socializam, se existem festas ou momentos coletivos de integração, e um elemento central desse tipo de pesquisa é, a maneira que as pessoas pertencentes a esse território o veem, como o percebem em relação ao restante da sociedade. Sendo assim, essa pesquisa foi um meio de entender as demandas da comunidade para a comunidade, sem existir uma imposição universitária sobre o que seria “o certo” ou o “necessário”, para realizar uma extensão de fato, uma troca de experiências e perspectivas em que cada parte trabalha em conjunto para a formação do todo.

A pesquisa sócio geográfica foi realizada em diversos dias no mês de maio e abril de 2022, a equipe estava devidamente paramentada a fim de garantir a segurança dos estudantes e pesquisadores assim como das pessoas as quais falamos em defesa do vírus da covid-19. Dessa forma, visitamos os



seguintes lugares no dia 8 de abril: Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Sul B; Paróquia São Lourenço; Colégio Estadual Albino Feijó Sanches.

No CRAS, infelizmente, não conseguimos contato com a assistente social presente. Na Paróquia São Lourenço, fomos atendidos pelo Padre Evandro Delfino, pároco naquela igreja desde 2019, ele relatou as dificuldades que estava sofrendo devido a pandemia e até mesmo o desinteresse de jovens em participar das atividades que ali eram realizadas, sem ser a ida às celebrações religiosas, exclusivamente, ele ainda nos passou alguns contatos de pessoas que julgava importante que nós falássemos para entender ainda mais as questões que permeiam o bairro. Por fim, no mesmo dia, fomos recebidos pela coordenadora pedagógica no Colégio Albino, a qual nos relatou situações muito complexas dentro do território, no caso, que muitos estudantes enfrentam dificuldades financeiras e se envolvem com o tráfico de drogas que acontece na região. Ela destacou que o percurso escolar, principalmente, em relação aos estudantes negros é interrompido pela evasão escolar, sendo que a ruptura com a escola ocorre, majoritariamente, entre o 7º e 8º anos. Na época, a coordenadora nos informou sobre o trágico falecimento recente de alguns estudantes em confronto com organizações criminosas e com a polícia.

As visitas ao território eram sempre seguidas de reuniões semanais com a equipe com a finalidade de discutir o que se era ouvido e informado e tentar elaborar atividades que fizessem sentido para a região, o que foi nos distanciando da ideia inicial de elaboração de um cursinho, e nos aproximando da ideia de realizar visitas guiadas a Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), assim como de ministrar oficinas com temas sugeridos pelos adolescentes da comunidades e da elaboração do então, círculo de leituras.

Em 8 de maio de 2022, visitamos outros dois colégios que estão inseridos na região do Perobal e um na região do bairro União da Vitória, sendo eles: Colégio Cívico Militar Vani Ruiz Viessi; Colégio Estadual Professora Rina Maria de Jesus Francovig e Colégio Estadual Thiago Terra. Muitos do que nos foi relatado nesses colégios convergem, sendo assim, a problemática das dificuldades financeiras e da inserção no tráfico de drogas, assim como, a evasão escolar foram pontos destacados. Também nos foi informado sobre a



relação problemática que muitos estudantes têm com a autoestima, tanto psicológica quanto física, e as situações de rivalidade que se estabeleciam entre alguns grupos dentro da escola. A conversa com a diretora do Colégio Thiago Terra foi a que trouxe algumas demandas que diferem das outras, como a demanda de algum projeto que trabalhasse com as turmas mais novas a respeito da alfabetização.

Além disso, durante esse processo de formação do cursinho e de pesquisa do território fomos contemplados com uma doação grande de livros vinda da Universidade Unopar, que teve a biblioteca de alguns de seus cursos ofertados no modelo de Ensino a Distância (EAD) fechada e pode nos fornecer esses materiais. A partir disso, a equipe PRÁXIS realizou uma tabulação desses livros e iniciou o processo de seleção do que poderia ser utilizado eventualmente no cursinho, esse processo foi feito dentro da Casa das Artes, na sala onde as aulas aconteceriam. Com essa seleção, foi percebido que existiam títulos ali que não seriam utilizados para esse projeto, por serem muito técnicos ou muito específicos, destinados realmente ao ensino superior, sendo assim, a equipe analisou quais eram os cursos técnicos fornecidos pelos Colégios da região, para que esses livros pudessem ser utilizados propriamente, realizamos, dessa forma, a entrega desses livros em 3 dos colégios citados anteriormente, Albino Feijó, Rina Maria de Jesus e Thiago Terra, além de 2 colégios fora do território sendo esses, Colégio Estadual Prof^a. Maria José Balzanelo Aguilera e o Colégio Estadual Castaldi.

A doação dos livros nos levou a frequentar cada vez mais a Casa das Artes, para que pudéssemos organizar os exemplares recebidos em uma sala que nos foi destinada. Tal atividade nos permitiu um maior contato e aproximação com as crianças e, principalmente, adolescentes que faziam parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Isso alinhado com algumas oficinas que integrantes do “Práxis Itinerante” ofertaram no espaço, permitiu a conversa a respeito do Círculo de Leitura, com o objetivo de entender se seria algo que gostariam de participar, se sim, com quais livros, quais leituras e em qual formato.



Infelizmente, após algum tempo o edital que permitia que o SCFV funcionasse na Casa das Artes foi encerrado, e esse serviço parou de ser ofertado naquele espaço, assim, houve um distanciamento com alguns adolescentes, porém outros continuaram a frequentar o Círculo de Leituras. O convite para esse encontro também foi estendido a todos os adolescentes dos colégios aqui citados, através de uma busca ativa realizada pela equipe, indo aos colégios fazer “propaganda” do Círculo de Leitura, sendo este nosso público alvo, crianças e adolescentes da região do Perobal.

Aproximações com a Prática: o início do Círculo de Leitura

Como dito anteriormente, as diretoras das escolas trouxeram como demanda principal a questão da falta de interesse pela leitura por parte dos estudantes, consideramos esse ponto importante porque ter gosto pela leitura ajuda na criação de ferramentas para interpretar e escrever textos, instrumentos importantes ao se fazer um vestibular como o da UEL, as provas escolares, além de aflorar o pensamento crítico, criativo e a habilidade de sonhar.

Para além disto, a leitura se faz essencial aos jovens e adultos, pois ela é uma das principais formas para a construção do senso crítico e identitário, auxiliando no entendimento de sua posição social e de valores dentro da sociedade, como defendido por Paulo Freire (1989). Compreender estes aspectos é fundamental para que seja construído, para estes sujeitos, seus próprios valores, seu senso de pertencimento social e uma práxis eficiente na transformação de sua realidade,

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (FREIRE. 1981. p. 14).

A equipe PRÁXIS, articulada como um projeto extensionista da Universidade Estadual de Londrina, partindo assim, de uma concepção freiriana de extensão e comunicação, buscou realizar práticas voltadas para a



estruturação do hábito da leitura, retirando-se de uma posição hierarquizada do saber, permitindo o compartilhamento dialético do conhecimento através da leitura, “A educação, pelo contrário, em lugar de ser esta transferência do saber – que o torna quase ‘morto’ –, é situação gnosiológica em seu sentido mais amplo”. (FREIRE. 1985. p. 3). Visto que, todos os envolvidos na ação, sejam do projeto extensionista ou os alunos que participaram da atividade, possuem diferentes vivências e conhecimentos da vida social, esta seria uma ótima oportunidade para uma construção mútua do saber.

Sendo assim, a partir de uma reunião com a equipe cogitamos a ideia de um “clube do livro”, mas ao discutir a fundo percebemos que o nome “Círculo de leitura” seria a direção a ser seguida visando uma horizontalidade e uma participação coletiva de todos os envolvidos. A prática de leitura em grupo, conhecida como círculo de leitura, envolve a leitura coletiva e a partilha de textos.

Esses diversos modos de funcionamento de círculos de leitura podem ser agrupados em três tipos: os estruturados, os semiestruturados e os abertos ou não estruturados. Em um *círculo de leitura* estruturado, os participantes seguem um roteiro com atividades bem definidas para o acompanhamento da leitura, a discussão e o registro de conclusões. Os círculos semiestruturados são controlados por um condutor, que organiza as atividades e orienta o processo de leitura dos participantes. Os círculos abertos ou não estruturados têm condução coletiva das atividades de leitura, as quais se restringem à seleção das obras e à discussão sobre as impressões de leitura (COSSON, p.1, 2014).

O modelo escolhido a ser seguido foi a de círculos abertos ou não estruturados, sendo que até mesmo as obras a serem lidas eram escolhidas em conjunto com os jovens presentes.

A proposta do Círculo de Leitura revela-se como um instrumento valioso de mão dupla, afinal auxilia, também, na capacitação do mediador, pois ao enfrentar a desafiadora missão de introduzir um jovem no "fantástico mundo da literatura", é imperativo que o mediador esteja adequadamente formado e preparado para essa árdua e intensa tarefa.

Quanto à abordagem do Círculo, inicialmente, inspiramo-nos nas reflexões de Paulo Freire sobre os Círculos Culturais. Nesse contexto, a



liberdade, a criticidade e o diálogo sempre desempenharam papéis essenciais em nossas intervenções. Acreditamos que ao estabelecer uma conexão com a literatura, é crucial que essa relação seja permeada por um ambiente de liberdade. Essa liberdade não se limita apenas à esfera conceitual, mas também se manifesta nos locais onde os encontros ocorrem. Nesse contexto, ao abordar a concepção de um Círculo de Leitura alinhado aos princípios de um Círculo Cultural, conforme delineado por Freire, é indispensável reconhecer a importância da liberdade individual e da capacidade crítica. Nas palavras do autor, "O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem" (FREIRE, 1967, p. 07). Em outras palavras, para estabelecer um Círculo de Leitura que leve em consideração essas questões, é essencial estar receptivo à perspectiva crítica dos alunos, compreendendo que a adolescência é um período propício para o desenvolvimento da crítica e da busca pela liberdade.

A ideia do Círculo

se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social. (FREIRE, 1967, p. 07)

Para colocarmos essa ideia em ação precisávamos nos socializar com os adolescentes que seriam nosso público-alvo, sendo assim realizamos uma conversa com eles na Casa das Artes explicando quais eram os nossos objetivos e se eles teriam interesse em participar de algo assim a resposta que obtivemos foi positiva com uma grande demonstração de interesse. Porém, encontramos empecilhos ao longo do caminho, a Casa das Artes o contrato com a Secretaria de Assistência Social, que fornecia o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) dentro da comunidade, ficando assim em defasagem de projetos e participação ativa dentro da Casa das Artes, ou seja, perdemos participantes do Círculo de Leitura. Iniciou-se assim, a busca ativa dessa juventude nas escolas da região.

Iniciamos as atividades no dia 19/08/2022 com a leitura do livro "O caçador cibernético da rua 13", nossos encontros eram semanais, realizados



às sextas feiras das 13h até às 15h dentro da Casa das Artes, contando com três participantes, na faixa de 13 a 16 anos. Optamos por levar, já impressos, 3 capítulos por encontro e realizar a leitura destes de maneira oral, dividindo duas páginas por pessoa, a equipe também lia em voz alta como parte do Círculo da Leitura. Importante enfatizar, que não lemos a história previamente, fomos descobrindo o livro de maneira conjunta e desenvolvendo pautas de maneira coletiva.

Durante nossos encontros surgiram diversos questionamentos, como por exemplo, em um capítulo o personagem principal do livro, João Arolê, fica extremamente estressado e tem um “surto”, com isso um dos participantes relacionou esse momento com uma crise de ansiedade, fazendo um paralelo com “loucura” denominando que tem ansiedade como louco, a partir disso intervimos, explicando através de vivências pessoais - afinal, não somos formados em psicologia - que ansiedade não é sinônimo de loucura sendo mais comum do que aparenta e a importância de identificar esse sentimento para aprender maneiras de lidar com ele. Outro ponto que chamou atenção foi o impacto positivo que ter personagens pretos teve, afinal na história quanto mais escura a pele mais status social a pessoa possuía. Além disso, ao final de cada encontro era realizado um fechamento para discutir as impressões que cada um teve dos capítulos lidos.

Neste ponto, é possível entender que a escolha do livro estava tendo um reflexo positivo dentro da atividade, como já é argumentado por Alfredo Bosi (2002), cada escritor possui uma ampla maleabilidade ao retratar sua história, enredo e personagens aos são quais modificados e ampliados alterando diretamente o rumo da perspectiva literária disposta em cada livro. Isto possibilita a representação direta de sua concepção social na obra, estimulando valores e desestimulando anti-valores que sejam essenciais ao que o livro busca abordar, “A translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores”. (BOSI. 2002. p. 120).



Desta forma, escolher um livro para abordar com adolescentes, em fase de construção de sua identidade e senso crítico, é uma tarefa desafiadora. Houve uma enorme satisfação ao verificar que a escolha da obra literária estava os auxiliando nesta jornada. Admitimos que esse processo foi cansativo e muitas vezes frustrante, por não termos uma grande quantidade de participantes, afinal iam no máximo dois por encontro e por vezes quando queríamos fazer alguma reflexão ou conversa sobre o livro eles não engajaram tanto e não conseguimos realizar atividades mais lúdicas baseadas em partes do livro, após o término dessa leitura. Ainda assim, esse momento gerou aprendizado para novas atividades e novas reflexões.

Aproximações com a Prática: o Afrofuturismo

Como descrito, abordar a leitura com adolescentes não é uma tarefa simples, embora em um primeiro contato os jovens tenham demonstrado interesse na atividade, a escolha do gênero literário é bastante complexa. Como é defendido por Paulo Freire (1989), a leitura da realidade presenciada por eles preexiste à leitura da palavra, assim, nossa equipe precisaria escolher um livro que os ajudasse a aprofundar sua compreensão da sociedade, para auxiliar no início da construção de seu senso crítico e seu senso de pertencimento social.

Também seria necessário que este livro possuísse uma linguagem clara e simples, pois, devido aos relatos das diretoras das escolas abordadas, os alunos não tinham familiaridade com a leitura, uma vez que, a atividade do círculo de leitura se propunha a isto, não havia razões para que fosse um pré-requisito a facilidade na leitura, compreensão e interpretação de texto. Em primeiro momento, o objetivo geral seria criar essas compreensões para aqueles adolescentes.

Ao mesmo tempo, fazia-se essencial ao círculo da leitura livros que fossem adequados à faixa etária, evitando certos gatilhos que poderiam abalar psicologicamente aqueles jovens que já advinham de um certo nível de vulnerabilidade socioeconômica. Como também, evitar aspectos que não condizem com a maturidade que os alunos dispunham, podendo tornar a



execução desafiadora além do proposto ou que faltasse estímulo ao intelecto, ocasionando no desestímulo deles pela atividade.

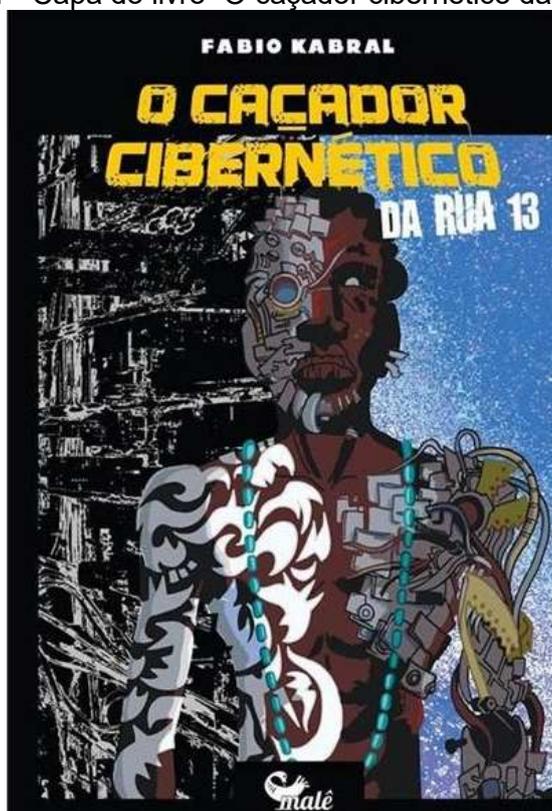
A junção de todas essas características dispostas tornou a seleção do livro desafiadora, buscando contemplar todos os pontos, foi escolhido o livro “O caçador cibernético da rua 13”, de Fábio Kabral (2017). Esta escolha foi grandemente pautada devido à análise do contexto social ao qual aqueles jovens estavam inseridos, desta forma, a história contada através do livro precisaria compreender, de forma delicada, pontos cruciais para uma interpretação crítica de sua realidade, dentre os principais pontos estariam: entender a violência estrutural a qual estavam dispostos, que podem se desenvolver através de inúmeras formas de violência urbana, como a familiar e a policial; como também, a compreensão de um sistema social estruturalmente racista, dado que, em sua maioria, os jovens eram pretos ou pardos, permitindo uma ação educadora focada no resgate de sua ancestralidade e performatividade afro brasileira, a qual já é visada e amparada pela Lei 10.639 (BRASIL, 2003), e a Lei 11.645 (BRASIL, 2008).

Tal escolha está igualmente relacionada com o contexto em que uma das integrantes do Projeto de Extensão “Práxis Itinerante” estava inserida, no caso, cursando a disciplina optativa “As relações raciais no Brasil” e já com um interesse prévio a respeito de leituras Afrofuturista - conceito o qual explicaremos adiante -, lendo no momento livros da célebre Octavia Butler. Assim, conforme debate em reuniões com a equipe, “O caçador cibernético da rua 13”, foi o escolhido para inaugurar o Círculo de Leituras, no livro Fábio Kabral mergulha em uma aventura futurista vibrante, entrelaçando elementos da mitologia Iorubá. Com uma linguagem contemporânea, o autor tece um universo fantástico repleto de detalhes, habitado por um povo melaninado, estilizado e proficientemente envolvido com tecnologia avançada. Nesse cenário fascinante denominado Ketu 3, João Arolê, um jovem negro e caçador de espíritos malignos por contrato, emerge como um personagem complexo. Assim como os deuses africanos, ele enfrenta incertezas e suporta as consequências de viver em um mundo onde bem e mal coexistem sem fronteiras claras. O personagem principal, permeado por crises de consciência,



dúvidas e insônias, busca redenção, esforçando-se para compensar as mortes que causou. Sua chance de redimir-se surge quando uma série de assassinatos, envolvendo celebridades de Ketu 3, convoca a necessidade de um herói. Contudo, João se vê confrontado com as sombras não resolvidas de seu passado, personificadas em um caçador vingativo que o procura para um confronto final. Ao adotar os códigos do Afrofuturismo para narrar a emocionante jornada de João Arolê, Fábio Kabral oferece um mergulho na cultura negra, nos deuses e na ancestralidade. O livro proporciona uma história envolvente, daquelas que ecoam mesmo após a leitura.

Figura 1 - Capa do livro “O caçador cibernético da Rua 13”



Fonte: Editora Malê, 2023¹

A equipe entendeu que a leitura do livro abriria um caminho infinito de possibilidades durante sua leitura, abordando as questões de raça, masculinidades, criatividade, aventura, religiões e religiosidades, além de instigar os jovens a frequentarem o Círculo a fim de descobrirem a cada capítulo lido as reviravoltas que aconteciam em Ketu 3 e na vida de João Arolê.

¹ Ver em: <<https://www.editoramale.com.br/?page=5>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Para explicar o que é Afrofuturismo é necessário voltar um pouco no tempo, mais precisamente em 1974 quando “*Space is the place*” (John Coney, 1974) uma ficção científica é protagonizada pelo jazzista Sun Ra (1914-1993), que interpreta um ser intergaláctico e músico. A trama narra a busca de Sun Ra e sua “Arkestra” (sua banda) para fundar um novo planeta com negros dos Estados Unidos, levando-os para longe da Terra com o poder da música. Sun Ra, no filme, habita em um planeta diferente da Terra, um lugar onde é possível viver livre da opressão causada pelo homem branco. Assim, ele parte para o Planeta Terra com o objetivo de resgatar e transportar pessoas negras para onde ele vive, o trecho exposto acima, são falas proferidas por Sun Ra enquanto decola em sua nave tripulada por pessoas negras em direção à “formação de uma colônia espacial longe da Terra (da violência, da sua opressão) e, para trás, fica um planeta aos pedaços” (FREITAS, 2018).

Herman Poole Blount nascido na Alabama (EUA), em 1914, adota o nome de Sun Ra, aproximadamente em 1950, assim como uma nova biografia, “vindo diretamente de Saturno e incorporando elementos da mitologia egípcia e da ficção científica cosmológica a sua persona e a criação musical (sendo “Ra”, o deus egípcio do sol)” (FREITAS, 2018). Sun Ra, anos mais tarde, será apontado como um dos precursores do afrofuturismo. Termo cunhado no início da década de 1990 pelo escritor e crítico cultural Mark Dery no ensaio “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”, inserido no livro “Flame Wars: the discourse of cyberculture”(1994). Segundo Dery, o afrofuturismo são “Ficções especulativas que tratem de temas afro-americanos e que abordam preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século XX [...]” (DERY, 1994, p.180).

O crítico cultural, a partir da entrevista com três artistas e intelectuais negros, Tricia Rose, Samuel R. Delany e Greg Tate, levanta questões centrais que perpassam o debate afrofuturista. Os artistas discutem, a partir da indagação de Dery, “como a comunidade negra diaspórica que teve deliberadamente o passado roubado e apagado pela escravidão consegue,



sem esse acervo de imagens, vislumbrar futuros?” (FREITAS, 2018, p.5). Segundo Delany, escritor de ficção especulativa,

A razão histórica para termos sido tão empobrecidos em termos de imagens futuras é porque, até muito recentemente, como uma população nós fomos sistematicamente proibidos de qualquer imagem do nosso passado. Eu não tenho ideia de onde, na África, meus antepassados negros vieram, porque, quando eles chegavam ao mercado de escravos de Nova Orleans, os registros desse tipo de coisa eram sistematicamente destruídos. Se eles falassem a sua própria língua, eles apanhavam ou eram mortos. [...] Quando, de fato, nós dizemos que esse país foi fundado na escravidão, nós devemos lembrar que queremos dizer, especificamente, que ele foi fundado na destruição sistemática, consciente e massiva das reminiscências culturais africanas. (DERRY, 1994, apud FREITAS, 2018, p.5)

A ficção científica, nos moldes como é conhecida, estrutura-se na falta e/ou apagamento do corpo negro em suas narrativas. Sendo um gênero extremamente excludente e eurocêntrico. O mesmo passou a ser popularizado na cultura popular ocidental durante a corrida espacial da Guerra Fria, polarizada entre Estados Unidos e União Soviética (URSS). “A corrida espacial se torna uma disputa indireta que investe em estudos, tecnologias e armamentos espaciais como forma de consolidação das duas potências da época” (BOSTELMANN, 2017, apud SILVA, 2019, p.27). Tal disputa causava ao mesmo tempo medo e admiração na população, que acompanhava via rádio e/ou televisão as viagens espaciais dos astronautas norte-americanos e soviéticos. O contexto de avanço tecnológico, passou a ser retratado em seriados de televisão, filmes e histórias em quadrinhos, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, período o qual passam a ser consumidas massivamente (BOSTELMANN, 2017). Tais produções estimulavam a imaginação para se pensar o futuro, a partir disso, múltiplas possibilidades foram criadas: de habitar outros planetas, coexistir entre robôs e substituir transportes comuns, como carros, motos, ônibus, entre outros, por naves espaciais.

Ao construir todo este novo imaginário, não é preciso assistir muitos filmes e seriados do gênero para perceber que a existência de corpos negros e de outros grupos minoritários não fazem parte deste futuro, e

consequentemente estarão extintos. Uma das escritoras mais consagradas de ficção científica e que incorpora o afrofuturismo em suas obras, Ytasha L. Womack, em “Africanfuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture” (2013), coloca que

O homem negro que salva o dia em A Noite dos Mortos Vivos é morto por policiais sorridentes. O homem negro que pouco com Charlton Heston no original Planeta dos Macacos foi rapidamente capturado e empalhado em um museu. Um cientista negro excepcional quase iniciou o fim do mundo em O Exterminador do Futuro 2. [...] o personagem negro nestes filmes surge como um tipo místico e silencioso ou quem sabe um cientista assustador, mas é bem óbvio que nas interpretações artísticas do futuro pelos padrões da cultura pop, negros não são um fator a se considerar. (L. Womack, 2013 p.7)

Dessa maneira, o afrofuturismo surge como “a ideia radical de que pessoas negras existem no futuro”, anuncia a cientista social Nataly Nery, durante um TEDx Talks realizado em 2018. Assim, as produções afrofuturistas, que se manifestam das mais variadas formas através da literatura, moda, música, produções cinematográficas, e chega até mesmo a extrapolar suas representações materiais, passando a afetar até mesmo as ciências, filosofia e o pensamento, não se preocupam apenas em inserir representações de pessoas negras em suas produções, essa não é a questão, mas sim vislumbrar um futuro para as populações afro-diaspóricas.

A ideia primordial do afrofuturismo é questionar todo o processo de escravização, que resultou no apagamento de todo um legado cultural, histórico e de existência de pessoas negras, que encontram-se hoje com dificuldade de vislumbrar futuros, pois seus passados foram destruídos. Assim, o afrofuturismo é uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais [...] uma interseção entre imaginação, tecnologia, futuro e libertação” (WOMACK, 2013). Kdwo Eshun, escritor ganês, debate que em um mundo que a pessoas africana está excluída da projeção do futuro, o afrofuturismo “possui o papel fundamental de reorientar a pessoa negra na criação do seu próprio futuro, a partir da sua própria ótica” (KABRAL, 2020).



O conceito de afrofuturismo, é alvo de várias reelaborações por várias pesquisadoras e pesquisadores, a escritora Lisa Yaszek, coloca que

os artistas afrofuturistas possuem três objetivos principais na realização de suas obras: em primeiro lugar, querem narrar boas histórias de ficção científica; em segundo, estão interessados em recuperar histórias negras perdidas (pensando o impacto destas no presente); e, em terceiro, pensar sobre como essas histórias e culturas recuperadas podem inspirar “novas visões do amanhã” (YASZEK, 2013, p.1-2). (FREITAS, 2018, p.6)

Essa relação entre os regimes temporais, lembrar o passado para reivindicar o futuro, é uma constante em todas as elaborações deste conceito, assim como o fato de não classificar este retorno às memórias do passado como algo ruim, mas sim como um mecanismo de resgate da ancestralidade para enxergar um futuro, dessa forma, é possível observar nas produções afrofuturistas que todas possuem um resgate ao passado. E esse resgate emerge de diferentes formas, conforme a cultura na qual se está falando. Pensando principalmente nas produções musicais entre artistas estadunidenses e brasileiros, é possível elencar diferenciações em suas obras afrofuturistas.

Nomes como da cantora Beyoncé, Rihanna, FKA Twigs e Janelle Monáe, aparecem como referências de artistas norte-americanos que incorporaram a filosofia e elementos do afrofuturismo em suas produções. Janelle Monáe, possui um dos principais álbuns do movimento, *The ArchAndroid* (2010), seu disco de estreia, foi inspirado no filme *The Metropolis* (192) de Fritz Lang, o qual narra a saga de Cindi Mayewater, um android procurado pela polícia. No álbum, Janelle assume a personagem de Cindi, com a missão de salvar a população negra e minoritária. Quando observa-se as capas e videoclipes das artistas anunciadas acima, é possível observar referências estéticas que retratam a ancestralidade egípcia, característica intencional em obras futuristas, de acordo com Womack (2013) “A afirmação afrofuturista da cultura coloca a nação no coração da história da diáspora africana, uma afirmação que contraria a tendência da cultura popular de divorciar o Egito de seu local e povo africano”.

No que diz respeito ao Brasil, as obras diretamente ligadas à estética afrofuturista, começam a aparecer na década de 2010 (SILVA, 2019). Alguns exemplos são, Gabi Amarantos, Xênia França, Ellen Oléria - seu disco de 2016, leva o título de “Africanista”, traz nas letras de suas canções a afetividade negra, resistência estética, ficção científica e utopia -, Luedji Luna, Baco Exu do Blues, entre outros. A cantora Xênia França, durante uma entrevista veiculada em dezembro de 2017, diz a respeito de seu álbum “XÊNIA”(2017),

O meu disco começa saudando meus ancestrais, porque a minha história não começa comigo, meu disco traça um pouco de quem eu sou, do que eu acho, mas antes disso outras pessoas passaram e fizeram muitas coisas, sofreram muitas coisas pra que eu estivesse aqui toda vestida de branco para dizer o que eu acho, pra me posicionar, me auto-afirmar...(SILVA, 2019, 38)

O movimento afrofuturista se manifesta de inúmeras formas, e em cada localidade ele toma uma forma diferente, pois é influenciado por culturas diferentes. Xênia França, em uma outra entrevista, a qual falou para a revista Virgula, no ano de 2018, pontua que nos Estados Unidos, os artistas que criaram a ideia de música afrofuturista, estavam muito ligados à cultura egípcia, enquanto que os artistas brasileiros, por ter outras referências, de povos diferentes, transparecem em suas produções aspectos da cultura dos iorubás e bantos, assim como manifestações do candomblé, entre outras expressões da cultura negra africana. A construção afrofuturista ocorre também, dentro do território brasileiro, as manifestações afrofuturistas do Maranhão são diferentes das do Pará, que são diferentes das de São Paulo, por exemplo. Cada localidade possui suas particularidades, como coloca Xênia, “Em cada lugar em que a presença negra se colocou no Ocidente, ela se expressou de uma forma”.

O movimento literário brasileiro, no que se refere a uma literatura voltada à ancestralidade, foi um grande precursor para que o afrofuturismo pudesse ingressar à cultura do Brasil, como as obras de Abdias Nascimento, que vem sendo considerado um dos maiores nomes com relação a cultura afro-brasileira, sendo fundamentalmente conhecido como fundador do Teatro



Experimental, ele também se dedicava à escrita e as artes plásticas, tornando-se reconhecido internacionalmente como professor e também foi um forte militante da Frente Negra Brasileira (FONSECA, 2021).

Como vimos considerando até aqui, a literatura negra não se configura como um gênero literário nem se mostra a partir de gêneros discursivos específicos. Ora configurada a partir da afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira, ora construindo outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas, situando-se, como assinala Octavio Ianni (1988) por dentro e por fora da literatura brasileira, ela é pauta de discussão em vários momentos entre teóricos, críticos literários, escritores e públicos. (FONSECA, 2021, p. 11).

Octavio Ianni (1988), também defende que o movimento negro e a literatura afro-brasileira andam em conjunto a conscientização racial no Brasil, além de uma busca contra os estigmas sociais, religiosos e políticos, há também uma busca pela valorização cultural e histórica advinda do continente africano.

Uma inspiração básica, na formação da literatura negra, é o movimento social negro. Compreendido em sentido lato, ele transcende o presente, resgata o passado, desvenda as relações entre a Colônia, o Império e a República, lança raízes na África, busca o quilombo e Zumbi, manifesta-se no protesto e na revolta. Nesse vasto cenário, atravessando épocas e continentes, emergem o negro, negritude, negrícia, ethos cultural, comunidade, nacionalidade afro-brasileira, povo. (IANNI, 1988, p. 98).

O afrofuturismo se expressa em movimentos visuais, musicais e literários compreendendo a exclusão e possibilitando a performatividade dos indivíduos negros na sociedade; reivindicando uma cultura advinda de uma ancestralidade que resiste à inúmeras formas de apagamento social que ultrapassa a temporalidade e se mantém até os dias atuais de forma estrutural e massiva; dessa forma, a partir deste histórico e retrato do que é o afrofuturismo e como ele se manifesta em expressões artísticas, o objetivo de inserir um livro com essa temática para com os jovens da Região do Perobal, foi também, de procurar vislumbrar com eles as possibilidades do futuro que eles têm pela frente, e como eles se inserem nesse futuro.



Considerações Finais

Essa primeira tentativa de criação de um Círculo de Leitura trouxe à tona alguns pontos positivos e outros negativos. Primeiro os positivos, conseguimos iniciar o contato com os estudantes das escolas, através da busca ativa que descrevemos anteriormente, além disso, pudemos perceber que durante os encontros a leitura dos participantes sofreu uma melhora considerável, - entendemos que isso pode parecer um acontecimento óbvio, mesmo assim merece ser evidenciado - não só a maneira como expressavam as palavras, mas também a forma como se arriscavam nas interpretações das cenas que estavam lendo.

Mais um ponto positivo que é importante mencionar é a maneira como os participantes se identificaram com o livro e acharam interessante o universo ali descrito onde quanto mais escura é a sua pele mais poder você tem na sociedade, a partir disso fizeram comentários demonstrando que sua realidade seria o oposto da descrita. Agora aos pontos negativos, esses não têm ligação de fato com o círculo em si, mas com a parte estratégica, com o planejamento das nossas ações; existiu uma frustração quanto a baixa participação do círculo, a falta de interesse dos adolescentes em participar, em se envolver com a leitura.

A partir disso, surgem algumas reflexões e estratégias que podem ser elaboradas em ações futuras, como a possibilidade de realizar o Círculo dentro das escolas e não em um lugar à parte, para realmente ter essa proximidade com os adolescentes. Além disso, desenvolver atividades mais dinâmicas, como assistir a um filme, trazer pessoas de fora da Universidade para conversas com as juventudes, pensando sempre em relacionar essas ações com o livro que está sendo lido, para que seja possível tornar aquela leitura mais palpável.

De maneira geral, a experiência foi de muito valor, tanto para aqueles que participaram da leitura de maneira direta quanto para aqueles que tiveram contato com a preparação, a pesquisa sócio-geográfica e a parte estratégica. Esse processo foi importante para iniciar o contato com o território e a criação de vínculos com as pessoas e instituições ali presentes, que só tem a agregar



em ações futuras, afinal são necessários parceiros para que essas atividades sejam realizadas a extensão não pode ser feita sozinha ela é algo coletivo.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. *In*: _____. **Literatura e Resistência**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118 - 135.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BRASIL. Lei N°10.639, de 09 de janeiro de 2003. Dispõe sobre o estudo obrigatório da história e cultura afro-brasileira no ensino médio e fundamental e altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2023.

BRASIL. Lei N°11.645, de 10 de março de 2008. Dispõe sobre o estudo obrigatório da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino médio e fundamental e altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2023.

BOSTELMANN, Pamela. **Representações da 'mulher do futuro' nas revistas Bostelmann Claudia e Manequim durante os anos 1960 e 1970: cultura material como tecnologia de gênero**. *In*: 13th Women's Worlds & Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis. Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico] : 13th. Womens Worlds, 2017.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

IANNI, O. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 28, p. 91-99, 1988. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. **Literafro: O Portal da Literatura Afro-Brasileira**, 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989.



FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 8. ed. rev. atual. e aum. Brasil: Paz e Terra, 1985. 65 p. v. 24. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/202>

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Kenia. SPACE IS THE PLACE: Sun Ra, o mito no cinema. **Multiplot**, 12 de abril de 2018. Disponível em: <https://multiplotcinema.com.br/2018/04/space-is-the-place-o-mito-no-cinema/>. Acesso em: 24 de nov. de 2023.

FREITAS, Kenia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente**. Revista Imagofagia, v. 17, p. 402- 424, 2018.

KABRAL, Fábio. **Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO**. Wordpress, 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo/>.

KABRAL, Fábio (2017). **O caçador cibernético da rua 13**. Rio de Janeiro: Malê.

LANZA, F., BREVILHERI, U. B. L., SILVA, C. de A., PIOVANI, L. P., NEVES Jr. , J. W. A., VIEIRA, T., DOMINGOS, Ó. S. . A práxis extensionista de cursinhos pré-vestibulares enquanto modelo de emancipação dos sujeitos. **RAÍZES E RUMOS**, 10(1), p. 9–29, 2022.

RAMOS. V. R; FIETZ, V. R. Importância das atividades extensionistas no ensino aprendizagem e incremento curricular. **X Congresso Ibero-americano de docência universitária: “o envolvimento estudantil”**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.aidu-asociacion.org/importancia-das-atividades-extensionistas-no-ensino-aprendizagem-e-incremento-curricular/>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SCHEIDEMANTEL, S. E; KLEIN, R; TEIXEIRA, L. I. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos5.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2023

SILVA, Roger Luiz Pereira da. **Linguagem Afrofuturista no videoclipe Nave de Xênia França**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

WOMACK, Ytasha. L. **Afrofuturism: The World of Black Sci-fi and Fantasy Culture**. Lawrence Hill Books, Chicago, 2013.

TEDx Talks. **Afrofuturismo: A Necessidade de Novas Utopias - Nataly Neri**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v= D1y9yZRpis>.



Sobre os autores

Maíra Mascarenhas Torres Peixoto Cunha

maira.mascarenhas@uel.br

Licenciada e Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, com foco em Antropologia e democratização da saúde no Brasil. Vinculada ao projeto de extensão “Práxis Itinerante: novas perspectivas às juventudes e populações em situações de vulnerabilidade social” vinculado a Universidade Estadual de Londrina, onde sou bolsista recém formada através do programa Universidade Sem Fronteiras.

Ana Carolina de Paula Lima

ana.carolina.paula@uel.br

Graduanda em Ciências Sociais, com habilitação em bacharelado, com foco sociológico em análise de relações raciais, pela Universidade Estadual de Londrina; pesquisadora da literatura afrofuturista por meio de Iniciação Científica ligada ao projeto Práxis itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações vulneráveis e Os Documentos Inéditos dos Arquivos do SNI (PARANÁ-BR), do projeto Opening the Archives e da CIA (EUA) (CNPQ/FA).

Ana Beatriz Pavilhão Boscarol

anabeatriz.boscarol@uel.br

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGSOC-UEL). Licenciada e bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Colaboradora do projeto Práxis itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações vulne

Ana Carolina Ribeiro Ruzycski

ana.carolina.ruzycski@uel.br

Graduanda em Serviço Social, pela Universidade Estadual de Londrina; Extensionista do projeto Práxis itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações vulneráveis e pesquisadora bolsista do projeto de pesquisa "Gênero e Religião: uma Relação Conflituosa e Desigual". Estagiária da Casa de Passagem masculina do MMA (Ministério de Missões e Adoração) com foco na população em situação de rua.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri

urse.brevilheri@uel.br

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGSOC-UEL). Licenciada e bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Graduanda em Direito pela Universidade Estadual de Londrina. Colaboradora do projeto Práxis itinerante: novas perspectivas para as juventudes e populações vulneráveis e do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e as Religiosidades (LERR-UEL).



Fábio Lanza

lanza@uel.br

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e dos programas de Pós-Graduação em Sociologia (UEL) e PROFSOCIO (Rede Nacional UFC). Possui doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestrado e graduação pela UNESP.

